

**INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS CAMPUS OURO PRETO
TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS IMÓVEIS**

**MARIANA ALÉM DO OURO: A Invisibilidade das Capelas Históricas no
Turismo e Seus Desafios de Conservação**

SINTIA CRISTINA MARTINHO

MARIANA-MG
2025

SINTIA CRISTINA MARTINHO

**MARIANA ALÉM DO OURO: A Invisibilidade das Capelas Históricas no
Turismo e Seus Desafios de Conservação**

Trabalho desenvolvido para disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro de Bens Imóveis do Instituto Federal de Minas Gerais- Campus Ouro Preto.
Orientadora: Bárbara Helena Almeida Carmo.

MARIANA

2025


Sintia Cristina Martinho

**MARIANA ALÉM DO OURO: A Invisibilidade das Capelas Históricas no
Turismo e Seus Desafios de Conservação**


Trabalho desenvolvido para disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro de Bens Imóveis do Instituto Federal de Minas Gerais- Campus Ouro Preto.

Orientadora: Bárbara Helena Almeida Carmo.


Aprovado em: 28/10/2025 pela banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **BARBARA HELENA ALMEIDA CARMO**
Data: 11/11/2025 15:36:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Bárbara Helena Almeida Carmo (orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **ALEX FERNANDES BOHRER**
Data: 17/11/2025 14:42:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Alex Fernandes Bohrer

Documento assinado digitalmente
 **EUDE JOSE BARBOSA**
Data: 24/11/2025 16:04:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Guia turístico Eude José Barbosa

M385m Martinho, Sintia Cristina.
 Mariana além do ouro [manuscrito] : invisibilidade das capelas
 históricas no turismo e seus desafios de conservação / Sintia Cristina
 Martinho. – 2025.
 75 f. : il.

 Orientadora: Barbara Helena Almeida Carmo.
 Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de
 Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2025.

 1. Turismo cultural. 2. Patrimônio cultural. 3. Mariana (MG). I.
 Carmo, Barbara Helena Almeida. II. Instituto Federal de Minas Gerais.
 Campus Ouro Preto. III. Título.

CDU: 726.52

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217

RESUMO

O presente trabalho investiga a invisibilidade das capelas históricas de Mariana (MG) no circuito turístico da cidade, evidenciando como esses espaços de grande relevância patrimonial permanecem à margem das rotas convencionais de visitação. Apesar da forte presença do turismo cultural em Mariana, centrado em monumentos reconhecidos e consagrados, diversas capelas históricas são ignoradas por políticas de divulgação, sinalização e infraestrutura turística. Ao analisar esse “esquecimento”, busca-se compreender os critérios de seleção que moldam a imagem turística da cidade e discutir os impactos dessa exclusão para a valorização do patrimônio local. O estudo propõe uma reflexão sobre a necessidade de um turismo mais inclusivo, capaz de reconhecer e integrar essas capelas como parte fundamental da narrativa histórica e cultural de Mariana.

Palavra-chave: turismo cultural; patrimônio invisibilizado; capelas históricas; Mariana-MG; valorização turística.

ABSTRACT

This study investigates the invisibility of historical chapels in Mariana (MG) within the city's tourist circuit, highlighting how these culturally significant spaces remain on the margins of conventional visitation routes. Despite the strong presence of cultural tourism in Mariana—focused on well-known and officially recognized monuments—several historical chapels are overlooked in terms of promotional efforts, signage, and tourism infrastructure. By analyzing this "forgetting", the research aims to understand the selection criteria that shape the city's tourist image and to discuss the consequences of this exclusion for the appreciation of local heritage. The study proposes a reflection on the need for more inclusive tourism, capable of recognizing and integrating these chapels as a fundamental part of Mariana's historical and cultural narrative.

Keywords: cultural tourism. invisible heritage. historical chapels. Mariana-MG. tourism appreciation.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Rua Direita em Mariana-MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 2- Fachada da Catedral da Sé em Mariana MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 3-Fachada da Igreja de São Francisco de Assis em Mariana MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 4- Conjunto das Igrejas de São Francisco e Nossa Senhora do Carmo em Mariana MG. Fonte: Acervo da autora, 2025.
- Figura 5- Fachadas das igrejas de Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto MG. Fonte: Braz, Paulo.
- Figura 6- Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto MG. Fonte: Desconhecida.
- Figura 7- Charrete elétrica em frente à Igreja de São Francisco de Assis em Mariana MG. Fonte: Antunes, 2025.
- Figura 8- Pelourinho da Praça Minas Gerais. Fonte: Acervo da autora.
- Figura 9- Casa de Câmara e Cadeia de Mariana MG (atual Câmara Municipal). Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 10- Entrada da Mina da Passagem, Mariana MG. Fonte: RENNE, Monique, 2025.
- Figura 11- Casa de Alphonsus de Guimarães, Mariana MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 12- Capela urbana de Santana Mariana MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 13- Capela urbana Nossa Senhora da Boa Morte Mariana MG. Fonte: Acervo da autora, jun.2025.
- Figura 14- Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Fonte: Acervo da autora, jun.2025.
- Figura 15- Localização das capelas urbanas estudadas, Mariana MG. Fonte: Elaboração própria com base em dados do Google Maps, 2025.
- Figura 16- Material de divulgação turística do CAT de Mariana MG. Fonte: Acervo da autora, jun.2025.
- Figura 17- Mapa turístico oficial de Mariana (Distrito Sede). Fonte: Acervo da autora, jun.2025.
- Figura 18- Fachada principal da Capela de Santana Mariana MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 19- Antigo espaço nos fundos da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 20- Estrutura com sinos da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 21- Acesso à sacristia da Capela de Santana, em Mariana-MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.
- Figura 22- Antiga configuração da Capela de Santana. Fonte: Acervo pessoal do zelador da capela.
- Figura 23- Vista lateral da Capela de Santana. Fonte: Acervo pessoal do zelador da capela.
- Figura 24- Cruz de pedra localizada no adro da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025
- Figura 25- Altar policromado em tons de vermelho e dourado. Fonte: Acervo da autora, jun 2025.
- Figura 26- Imagem de Santana Mestre com Maria Menina. Fonte: Acervo da autora. jun 2025.
- Figura 27- Detalhe de putti em talha no altar da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, jun 2025.

Figura 28- Teto do forro em caixotões de madeira da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, 2025.

Figuras 29 e 30- Fachada da Capela da Boa Morte e mantido Seminário, Mariana-MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 31 e 32- Registro histórico do clero em frente ao Seminário de Mariana-MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 33 e 34- Fachada da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte e portada emoldurada de pedra. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 35- Vista interna da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, Mariana, MG. Fonte: [Iph.ichs.ufop.br](http://ph.ichs.ufop.br)

Figura 36- Forro da capela-mor Capela da Boa Morte (Seminário Menor). Fonte: Mariana e seus Templos, p.62. Vasconcellos Salomão.

Figura 37- Imagem de Nossa Senhora das Dores, altar lateral da Capela. Fonte: Acervo da autora, jun.2025.

Figuras 38 e 30- Imagem de Santo Inácio de Loyola. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 39 e 40- Imagem de Nossa Senhora da Assunção, em exposição no museu em acrílico. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 41 e 42- Imagem de São João Nepomuceno em exposição no museu e imagem em acrílico. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 42 e 43- Imagem de São Bernardo de Claraval em exposição no museu e imagem em acrílico. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 44 e 45- Imagens de São Bento em exposição no museu e em acrílico, Capela da Boa Morte. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 46: Pavimento em pedra sabão e vegetação, entorno urbano. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 47- Fachada principal da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 48- Fachada do Hotel Providência, Mariana-MG. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 49- Símbolo da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, entalhado em madeira. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 50 e 51- Janela com verga em arco abatido e esquadria de madeira almofadada e óculo. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 52 e 53- Torre da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 54- Janela da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 55 e 56- Forro em caixotões da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 57 e 58- Santana com a Virgem Maria e imagem coberta por paramento litúrgico. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 59- Parede lateral interna da Capela com colapso de adobe. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 60 e 61- Interior da Capela de Santana com patologias (umidade e descascamento).Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 62- Pilar com pintura em azul, vermelho e amarelo. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 63 e 64- Escada para o coro da Capela de Santana deteriorada. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 65- Portada da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 66 e 67- Proliferação de microrganismos na base das paredes. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 68 e 69- Danos nas paredes da Capela de Santana. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 70- Telhado da Capela da Boa Morte com excesso de argamassa. Fonte: Laudo Técnico Estrutural Parcial da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte- Mariana- MG, 2025.

Figuras 71 e 72- Fachada lateral da Capela da Boa Morte, deteriorada e figura 72 parede lateral esquerda da nave da Capela da Boa Morte. Fontes: Acervo da autora e Laudo Técnico Estrutural da Capela da Boa Morte (2025).

Figuras 73 e 74- Parede lateral interna com desprendimento de reboco e parede interna ao lado da porta, descascamento da pintura. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 75 e 76- Escoramento do Arco-Cruzeiro. Fontes: Acervo da autora e Laudo Técnico do IPHAN (2022, disponibilizado em 09/06/2025).

Figuras 77 e 78-Adobe original exposto devido a desprendimento do reboco. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 79 e 80- Janelas com vidros quebrados, favorecendo deterioração. Fonte: Acervo da autora, juh. 2025.

Figura 81- Portada principal da Capela da Boa Morte. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 82- tapumes na fachada da Capela Rainha dos Anjos. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 83- Desprendimento do reboco em volta do emblema de São Francisco. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 84- Escoramento das paredes da Capela Rainha dos Anjos. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras 85 e 86- Janelas de madeira da Capela Rainha dos Anjos. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 87- Óculo central da fachada da Capela Rainha dos Anjos. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 88- Telhado lateral da Capela Rainha dos Anjos coberto por lona azul. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 89- Portada principal da Capela Rainha dos Anjos. Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

SUMÁRIO

Capítulo 1- Introdução	11
1.1 Metodologia	13
1.2 Referencial Teórico	15
Capítulo 2- Turismo e patrimônio em Mariana: Entre o reconhecimento e a invisibilidade	15
2.1 Mariana no contexto do turismo histórico- cultural	15
2.2. O roteiro turístico oficial: o que é promovido e como?	26
Capítulo 3- Capelas invisíveis em Mariana: História, estado de conservação e exclusão patrimonial	28
3.1. Capela de Santana: Proximidade geográfica, distância simbólica	28
3.2. Análise Iconográfica e Arquitetônica da Capela de Santana	32
3.3 Capela de Nossa Senhora da Boa Morte (Seminário Menor)	36
3.1.3 O Seminário da Boa Morte e a aplicação das diretrizes tridentinas no Brasil	36
3.1.2. Análise Iconográfica e Arquitetônica da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte (Seminário Menor)	38
3.4. Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos	46
Capítulo 4- Capelas em risco: diagnóstico do estado de conservação	50
4.1. Estado de conservação da capela de Santana	51
4.1.1. Análise do estado de conservação da portada da capela de Santana	56
4.2 Estado de Conservação da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte	58
4.2.1. Estado de conservação da portada da capela de Nossa Senhora da Boa Morte	65
4.3. Estado de conservação da capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos	66
4.3.1. Estado de Conservação da Portada da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos	70
4.3. Capelas em risco: diagnóstico do estado de conservação	71
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

Capítulo 1- Introdução

Mariana, como uma das mais antigas cidades históricas de Minas Gerais, guarda um importante acervo arquitetônico e artístico que testemunha os tempos do ciclo do ouro. Tendo como um conjunto urbano que é fruto de um traçado planejado no período colonial, constitui uma característica única entre as cidades da antiga província, revelando uma malha de ruas retas e praças retangulares, influenciada por ideias urbanísticas modernas da época. Apesar das transformações ocorridas ao longo dos séculos, essa configuração ainda é perceptível e constitui parte essencial da identidade visual e histórica da cidade.

O patrimônio edificado da cidade expressa-se especialmente em sua riqueza de templos religiosos coloniais e edifícios civis, muitos dos quais abrigam hoje instituições culturais. A cidade foi sede do primeiro bispado do estado, papel que lhe conferiu centralidade religiosa e política no contexto colonial. A Catedral da Sé de Nossa Senhora da Assunção, iniciada em 1713, é considerada uma das mais importantes igrejas barrocas do estado, tendo destaque em sua sobriedade externa e exuberância interna, ornamentada por artistas como Manuel Francisco Lisboa (pai do Aleijadinho), o arquiteto português José Pereira Arouca e o pintor Manuel da Costa Ataíde.

As igrejas das irmandades leigas também compõem o cenário religioso e urbano marianense. A Praça Minas Gerais, em poucos metros, duas obras importantes da arquitetura religiosa marianense: as igrejas de São Francisco de Assis e a igreja de Nossa Senhora do Carmo, construídas por irmandades poderosas e decoradas com elementos típicos do barroco mineiro. Já as igrejas das irmandades negras, como as de Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora do Rosário, situam-se em áreas mais afastadas, refletindo a hierarquia social da época, mas ainda assim compõem um valioso patrimônio religioso e comunitário.

Além das construções religiosas, Mariana preserva importantes exemplares da arquitetura civil. Os sobrados coloniais da Rua Direita, com fachadas simétricas, sacadas de ferro e lojas no térreo, compõem a paisagem urbana característica da cidade. Um desses imóveis abriga a Casa de Alphonsus de Guimarães, hoje transformada em museu dedicado ao poeta. A antiga Casa de Câmara e Cadeia, iniciada em 1768 e concluída três décadas depois, abriga atualmente a sede da Câmara Municipal, compondo, junto às igrejas vizinhas, o conjunto da Praça Minas Gerais. O Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, instalado na antiga Casa Capitular, guarda peças raras de mobiliário e arte religiosa, reforçando o papel da cidade

como centro espiritual e cultural. Com a fundação do Seminário Menor, seguido pelo Seminário Maior, Mariana também se consolidou como referência educacional e religiosa, evidenciando o entrelaçamento entre fé, poder e saber na formação da sociedade mineira.

Diante desse rico patrimônio, Mariana consolidou-se como um dos principais pólos de turismo cultural em Minas Gerais, sendo amplamente promovida em roteiros turísticos. No entanto, é possível perceber que nem todos os bens que compõem o tecido urbano e a memória religiosa da cidade recebem o mesmo nível de visibilidade e valorização. Um conjunto de capelas históricas, ainda que inserido na malha urbana e carregado de significados históricos, simbólicos e afetivos, permanecem à margem dessas rotas turísticas e dos discursos patrimoniais predominantes. Muitas dessas edificações, ligadas a antigas práticas religiosas comunitárias, enfrentam processo de invisibilidade institucional, simbólica e física, comprometendo sua preservação e reconhecimento.

Para aprofundar essa problemática, este trabalho volta-se à análise de três capelas urbanas que exemplificam esse fenômeno: a Capela de Santana, situada no bairro Santana; a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, localizada dentro do Seminário Menor (de propriedade particular e com uso restrito ao clero); e a Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, na Rua Dom Silvério, próxima ao Hotel Providência. A seleção dessas edificações busca refletir sobre diferentes formas de exclusão patrimonial: seja pela invisibilidade nos “roteiros” turísticos, pelo “abandono” físico ou pelas barreiras de acesso impostas por propriedades privadas.

Com isso, a escolha dessas edificações baseia-se em três fatores principais: primeiro, sua localização no território urbano da cidade, o que evidencia que estão inseridas no cotidiano marianense e não em áreas rurais ou isoladas, segundo, a ausência de fluxo turístico efetivo, mesmo quando há menções pontuais nos materiais de divulgação, o que revela uma visibilidade simbólica, mas não prática, dessas capelas no circuito turístico; e terceiro, o estado de conservação precário, agravado, em alguns casos, pela ausência de políticas públicas de valorização e salvaguarda. No caso da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, situada dentro do Seminário Menor, esse afastamento se intensifica pela condição de propriedade privada com acesso restrito ao público, o que impossibilita sua inclusão nos roteiros turísticos regulares, ainda que seja um bem de significativo valor histórico e simbólico.

Compreender os fatores que levam à exclusão dessas capelas do circuito turístico é essencial para refletir sobre os critérios de seleção do que pode ser considerado patrimônio “visível” e para propor uma abordagem mais democrática e inclusiva da valorização cultural. Assim, este trabalho se justifica pela necessidade de ampliar o olhar sobre o patrimônio urbano de Mariana e contribuir para uma reflexão crítica sobre a construção seletiva da memória e a conservação de bens pouco reconhecidos institucionalmente.

Diante disso, a questão que norteia esta pesquisa é: Porque determinadas capelas históricas localizadas na área urbana de Mariana-MG permanecem invisíveis nesses roteiros turísticos, e quais as implicações dessa exclusão para a valorização e conservação do Patrimônio Cultural local?

O objetivo geral deste trabalho é investigar os fatores que contribuem para a invisibilidade de capelas históricas localizadas na área urbana de Mariana-MG nos roteiros turísticos, analisando o estado de conservação desses bens e avaliando como vem sendo afetado pela falta de uso e de políticas de conservação e restauro. Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Mapear a localização realizar caracterização históricas, arquitetônicas e simbólicas das capelas urbanas escolhidas (Santana, Nossa Senhora da Boa Morte e Rainha dos Anjos);
- Analisar o estado de conservação das capelas urbanas selecionadas (Santana, Nossa Senhora da Boa Morte e Nossa Senhora Rainha dos Anjos), identificando os principais fatores de risco e comprometimento de sua integridade física;
- Analisar a ausência dessas capelas nos discursos políticos e nos roteiros turísticos de Mariana-MG;
- Compreender como essa exclusão patrimonial se relaciona com processos seletivos de construção da memória e da imagem turística da cidade;
- Refletir sobre os desafios e as possibilidades de inclusão dessas capelas nas práticas de valorização e conservação do patrimônio local.

1.1 Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, voltada para a análise das formas de invisibilidade de capelas históricas urbanas de Mariana-MG no contexto do turismo local. A escolha por uma pesquisa qualitativa

justifica-se pelo objetivo de compreender os significados sociais, simbólicos e patrimoniais atribuídos (ou negados) e esses bens, bem como interpretar os discursos, silenciamentos e ausências nos roteiros turísticos e nas políticas de preservação.

A metodologia deste trabalho inclui o levantamento bibliográfico e documental, com base em autores das áreas de patrimônio cultural, turismo e memória, além da análise de materiais institucionais, como sites oficiais, planos de gestão, roteiros turísticos, registros disponibilizados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Também foram realizadas visitas de campo às capelas de Santana, Nossa Senhora da Boa Morte (localizada no Seminário Menor) e Nossa Senhora Rainha dos Anjos, com registro fotográfico e observações diretas *in loco*, a fim de compreender suas condições de conservação, localização e inserção no espaço urbano.

Adicionalmente, foram conduzidas entrevistas abertas com profissionais da área de turismo, os zeladores responsáveis pelas capelas, uma profissional funcionária da pousada situada próxima à Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Os relatos obtidos nessas conversas foram fundamentais para compreender a percepção da comunidade local sobre a relevância dessas edificações. Por razões éticas, os nomes dos entrevistados foram omitidos.¹

O recorte espacial concentra-se nas capelas localizadas na área urbana de Mariana MG, enquanto o recorte temporal considera documentos e práticas recentes, buscando compreender o contexto atual da inserção ou ausência desses bens nas estratégias de valorização patrimonial.

No decorrer das visitas de campo, foram realizados registros em diário de observação e *croquis* das capelas, a fim de documentar aspectos relacionados ao estado de conservação, inserção urbana e condições de acessibilidade. No caso específico da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, o acesso interno não foi possível devido à precariedade de sua estrutura. Essas percepções diretas do espaço físico e da ambiência dos bens patrimoniais revelaram-se fundamentais para complementar a análise documental e aprofundar a compreensão sobre os elementos que contribuem para a invisibilidade dessas capelas no imaginário turístico da cidade.¹

¹ Os nomes dos participantes foram suprimidos para preservar sua identidade e garantir o cumprimento dos princípios éticos da pesquisa.

1.2 Referencial Teórico

A construção da memória coletiva é um processo seletivo, no qual certos elementos do passado são institucionalmente reconhecidos enquanto outros silenciados. Pierre Nora (1993), ao formular o conceito de lugares de memória, afirma que “os lugares de memória existem porque há memória, e porque esta memória quer se fixar” (NORA, 1993, p.12).

Esses lugares não surgem naturalmente, mas são fruto de uma escolha cultural e política que decide o que merece ser lembrado. Para Nora, os elementos do patrimônio ganham visibilidade quando passam a representar uma identidade coletiva legitimada, deixando outros marcos relegados ao esquecimento.

No entanto, no contexto das cidades históricas brasileiras, como no caso de Mariana, essa lógica se reflete na seletividade dos bens patrimonializados e promovidos pelo turismo cultural. Cristina Cavalcanti (2011) observa que “a construção do patrimônio visível é fruto de uma política seletiva, que silencia vozes e apaga memórias que não se enquadram no roteiro turístico tradicional” (CAVALCANTI, 2011, p. 58). Assim, muitos edifícios de valor simbólico local, como as capelas urbanas, permanecem fora dos circuitos turísticos, mesmo localizados no centro histórico.

Outra que complementa essa mesma análise é a Márcia Sant`Anna (2005), ao afirmar que “a imagem da cidade histórica é, muitas vezes, uma construção estética e ideológica, que exclui elementos divergentes do modelo idealizado” (SANTANA, 2005, p. 91). Em Mariana, essa construção idealizada se manifesta na ênfase às igrejas monumentais e nos roteiros que priorizam um passado glorificado, em detrimento das manifestações mais populares, periféricas ou associadas a outras memórias urbanas.

Capítulo 2- Turismo e patrimônio em Mariana: Entre o reconhecimento e a invisibilidade

2.1 Mariana no contexto do turismo histórico- cultural

Nos últimos anos, os passeios turísticos em Mariana têm se concentrado nos pontos mais conhecidos do centro histórico, como igrejas famosas, museus e ruas tradicionais, como a Rua Direita (figura 1). Essa concentração revela uma visão limitada do que é considerado patrimônio cultural, geralmente associada apenas aos bens mais famosos e divulgados. Como destaca Carmo (2020, p. 86), “ao falarmos superficialmente de patrimônio na perspectiva do

senso comum, as primeiras imagens que surgem são aquelas dos ícones”. Isso faz com que outros bens culturais, mesmo com valor histórico e simbólico significativo, sejam esquecidos ou deixados de lado nos roteiros oficiais. Essa forma seletiva de valorização do patrimônio não é neutra: o que se mostra como patrimônio envolve disputas de significado e visibilidade social. Ainda segundo Carmo (2020, p. 86), “o patrimônio é disputado porque sua existência presume atribuições de valores e criações de significados múltiplos e divergentes por indivíduos e grupos sociais”.

Figura 1- Rua Direita em Mariana-MG, com seu calçamento em pedra e casarões coloniais que preservam a memória do período do Ciclo do Ouro.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Nesse contexto, chama atenção o fato de que algumas capelas históricas de Mariana, apesar de sua relevância, são pouco conhecidas e não recebem o devido reconhecimento, permanecendo invisíveis tanto para o poder público quanto para o turismo. Essa exclusão é ainda mais contraditória quando se considera a diversidade arquitetônica e ornamental que caracteriza os templos religiosos da cidade. Como observa Vasconcellos, “o estilo das igrejas de Mariana nada tem de fixo ou escolástico. Variam as fachadas de um templo a outro, e variam ainda mais a talha e os motivos esculpidos e religiosos da ornamentação interna. Nem podia deixar de ser assim, de vez que foram quase todas construídas em épocas diversas e, por tanto, por arquitetos e entalhadores também diferentes” (VASCONCELLOS, [s.d.], n.p.).

Assim como Ouro Preto, Mariana é promovida como um importante destino histórico-cultural, frequentemente citada em sites de viagem, guias turísticos e campanhas de divulgação institucional. Monumentos como a Catedral da Sé (figura 2), a Igreja de São Francisco de Assis (figura 3) e a Praça Minas Gerais (figura 4) são sempre destacados como

os principais pontos de visitação. Esses locais ajudam a construir a imagem da cidade como guardião do barroco mineiro, mas ao mesmo tempo reforçam uma lógica de exclusão, ao deixarem de fora outras construções que também compõem a trajetória histórica local.

Figuras 2 e 3 – Fachadas da Catedral da Sé e da Igreja de São Francisco de Assis, Mariana-MG.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 4- Conjunto das Igrejas de São Francisco e do Carmo, Mariana-MG.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A centralização da visitação nesses locais mais famosos pode ser percebida também a partir de dados de circulação turística. No mês de junho, por exemplo, foram registrados 1.180 visitantes apenas na primeira quinzena, sendo 1.137 turistas, segundo informações obtidas junto ao Centro de Atenção ao Turismo (CAT). Na Semana Santa, as visitas somaram aproximadamente 746 pessoas, e no feriado de Corpus Christi esse número chegou a cerca de 1.476 visitantes. Apesar do volume expressivo de turistas nesses períodos, as capelas analisadas neste trabalho, embora mencionadas pontualmente em alguns materiais de divulgação institucional, seguem fora dos roteiros efetivamente praticados pelas agências e pouco conhecidas pelo público visitante. Além da pouca ênfase nas capelas nos roteiros, é importante destacar que nem todos os grupos de turistas que chegam à cidade demonstram interesse em incluir edificações religiosas em seus roteiros.

Em contato com uma agência de turismo, verificou-se que os pacotes oferecidos seguem majoritariamente o modelo de passeio “bate e volta”, com origem em Ouro Preto. Tal configuração reduz o tempo de permanência em Mariana e limita a possibilidade de uma visita mais aprofundada ao seu patrimônio edificado. Em Ouro Preto, o roteiro convencional abrange visitas à Igreja de Nossa Senhora do Pilar, (figura 5), à Igreja de São Francisco de Assis, (figura 6), a uma mina de ouro desativada, à Praça Tiradentes e ao Museu da Inconfidência, além de intervalo para almoço. Em Mariana, por sua vez, o itinerário costuma restringir-se à Praça Minas Gerais, à antiga Casa de Câmara e Cadeia e ao Pelourinho. Esse modelo de turismo acelerado e padronizado privilegia os marcos mais conhecidos e reforça uma lógica de visibilidade seletiva do patrimônio, dificultando a inserção e o reconhecimento de outras edificações de elevado valor histórico e simbólico, como as capelas urbanas analisadas neste estudo.

O contato com uma segunda agência de turismo reforçou esse padrão. Ao solicitar informações sobre a possibilidade de visitar as capelas de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, Santana e Nossa Senhora da Boa Morte, a empresa informou que o roteiro convencional não contempla tais monumentos e que, para incluí-los, seria necessário contratar um tour privativo, realizado mediante guia exclusivo e com adaptação integral do percurso conforme o interesse do visitante. A necessidade de contratação de um serviço diferenciado evidencia que a presença dessas capelas nos roteiros turísticos não depende apenas da demanda, mas também de condições logísticas, o que contribui para a baixa visibilidade desses bens patrimoniais dentro da oferta turística formal.

Nesse contexto, a entrevista realizada com um guia turístico de Mariana reforça essa dinâmica. De acordo com o profissional, embora as capelas estejam presentes nos mapas turísticos oficiais e possuem reconhecida relevância histórica, artística e religiosa elas **não permanecem abertas de forma contínua**, o que impede sua integração aos circuitos turísticos regulares. O acesso depende de ocasiões específicas do calendário litúrgico e é mediado pela Arquidiocese de Mariana, responsável pelos zeladores encarregados da guarda desses espaços. Já as ações de conservação e restauro são conduzidas em articulação entre o Bispado e o IPHAN, órgão federal encarregado da preservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

Entre os exemplares destacados pelo guia, ressaltam-se: a Capela de Santana, uma das primeiras edificações barrocas do território minerados; a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, vinculada ao antigo seminário que posteriormente deu lugar à atual constituição federal de ensino; e a Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, associada à Arquiconfraria Franciscana. Apesar do acesso restrito, tais capelas constituem elementos essenciais para a compreensão da formação urbana, religiosa e cultural de Mariana, evidenciando a existência de um patrimônio significativo que permanece à margem dos roteiros turísticos predominantes.

Figuras 5 e 6: Fachadas das igrejas de Nossa Senhora do Pilar e São Francisco de Assis, importantes exemplares do patrimônio religioso de Ouro Preto (MG).



Fonte: Braz, Paulo.



Fonte: Fonte desconhecida.

Recentemente, a Prefeitura de Mariana lançou sua primeira charrete elétrica (figura 7) como novo atrativo turístico, em comemoração aos 329 anos da cidade. A iniciativa, proposta pela Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo, surgiu como resposta à baixa permanência dos visitantes no município, que geralmente realizam apenas visitas rápidas. Com previsão de funcionamento durante um ano, a charrete elétrica circula pelo Centro Histórico quatro vezes por semana, oferecendo um passeio informativo conduzido por charreiteiros treinados. O trajeto parte do Terminal Turístico de Mariana e percorre locais como a Praça Minas Gerais, a Catedral da Sé, o Jardim (Praça Gomes Freire), a Igreja de São Pedro e a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, com duas breves paradas na Câmara e na Igreja de São Pedro.

Figura 7- Charrete elétrica em frente à Igreja de São Francisco de Assis, Mariana/MG.



Fonte: Fonte: ANTUNES, 2025.

Embora a proposta tenha o mérito de promover uma experiência imersiva e contribuir para o fortalecimento da economia local, observa-se que o percurso mantém o foco nos espaços já consagrados pelo turismo tradicional, sem incorporar outras edificações de relevância, como as capelas urbanas discutidas neste trabalho. Essa escolha reforça a lógica de centralidade dos “ícones” e evidencia a persistente invisibilidade de parte do patrimônio marianense.

Apesar de iniciativas pontuais, como a charrete elétrica e novos materiais de divulgação do turismo tradicional de Mariana, Blogs de viagem e relatos de visitantes revelam que a maioria dos percursos inclui sempre os mesmos locais: a Praça Minas Gerais (figura 4), com as Igrejas de São Francisco de Assis (figura 3) e Nossa Senhora do Carmo, o Pelourinho (figura 8), a Casa de Câmara e Cadeia (figura 9), a Igreja de São Pedro dos Clérigos, a

Catedral da Sé (figura 2) e o Museu de Arte Sacra. Essa repetição reforça uma lógica de visibilidade seletiva do patrimônio, onde os bens mais conhecidos seguem privilegiados, enquanto outros, como as capelas, permanecem invisíveis aos olhos do público e dá políticas culturais.

Figuras 8 e 9 – Pelourinho da Praça Minas Gerais e Casa de Câmara e Cadeia de Mariana-MG (atual Câmara Municipal).



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Além dos espaços localizados no centro, também fazem parte dos roteiros tradicionais a Mina de Ouro da Passagem (figura 10) localizada no distrito de Passagem de Mariana, a Estação Ferroviária, a Praça Gomes Freire e a Casa de Alphonsus de Guimarães (figura 11), entre outros pontos de interesse.

Figuras 10 e 11 – Entrada da Mina da Passagem, Mariana-MG e Museu Casa de Alphonsus de Guimarães, Mariana-MG.



Fonte: RENNE, Monique, 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

No entanto, como já mencionado, nenhuma dessas fontes de pesquisas faz referência às capelas estudadas. Como será aprofundado nos capítulos seguintes, as três capelas históricas (12, 13 e 14) seguem à margem do que seriam os “roteiros” promovidos oficialmente.

Figuras 12 a 13 – Capelas urbanas de Mariana: Santana, Nossa Senhora da Boa Morte e Nossa Senhora Rainha dos Anjos.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 14- Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos.



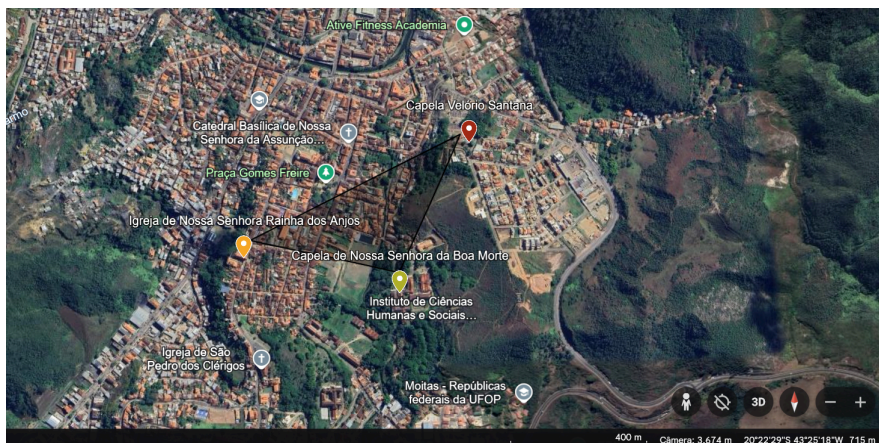
Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Este capítulo busca contextualizar o papel do turismo na valorização do patrimônio cultural de Mariana, destacando os principais atrativos visitados e discutindo os mecanismos que influenciam a seleção e a recorrência desses bens nos circuitos turísticos. A partir dessa análise, será possível refletir sobre os critérios que orientam a inclusão ou a exclusão de determinados edifícios e espaços no imaginário turístico da cidade, evidenciando como certos bens ganham centralidade enquanto outros permanecem à margem das práticas e divulgação mais comuns.

Cabe destacar, ainda, que os edifícios religiosos são propriedade particular sob responsabilidade da Arquidiocese de Mariana. Por essa razão, a Secretaria Municipal Turismo não possui autonomia para elaborar roteiros turísticos oficiais que incluem visitas internas a esses espaços. Sua atuação se limita à produção de materiais de divulgação que mencionam os edifícios religiosos em geral, cabendo à Arquidiocese a organização e autorização de eventuais visitas guiadas ou ações turísticas mais específicas.

A seguir, apresentam-se recursos visuais que contribuam para a compreensão da inserção das capelas no panorama turístico da cidade. (figura 15) mostra a localização geográfica das capelas estudadas no contexto urbano de Mariana. Já as (figuras 16 e 17) exibem, respectivamente, um folheto turístico distribuído aos visitantes e um esquema simplificado com os principais atrativos turísticos destacados pelos materiais de divulgação oficiais.

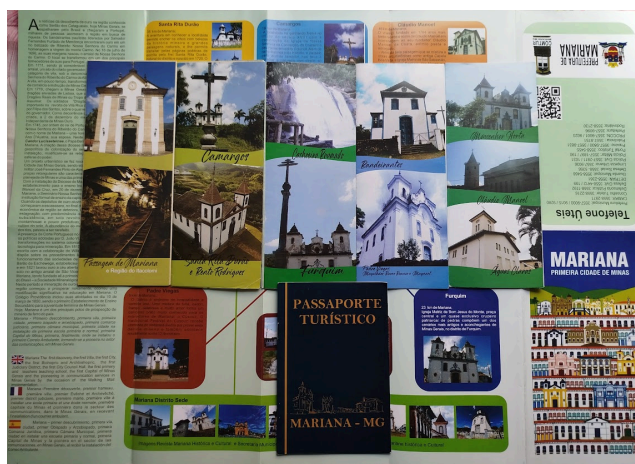
Figura 15- Localização das capelas urbanas estudadas, Mariana/MG



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Google Maps, 2025.

Na figura gráfica o marcador vermelho representa a Capela de Santana, o marcador verde indica a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, e o marcador amarelo corresponde à Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos.

Figura 16 -Materiais de divulgação turística do CAT de Mariana-MG.



Fonte: Acervo da autora, jul. 2025.

Figura 17 – Mapa turístico oficial de Mariana (Distrito Sede).



Fonte: Acervo da autora, jul. 2025.

Descrição: Materiais impressos fornecidos pelo Centro de Atenção ao Turismo (CAT) de Mariana, entregues aos visitantes ao chegarem à cidade. Incluem mapas ilustrativos, folders temáticos, o “Passaporte Turístico” e panfletos com informações históricas e culturais sobre os principais atrativos do município.

Descrição: Mapa ilustrativo entregue pelo Centro de Atenção ao Turismo (CAT) de Mariana aos visitantes. O material destaca igrejas barrocas, atrativos naturais e outros pontos turísticos tradicionais.

Segundo informações fornecidas por funcionários do Centro de Atenção ao Turismo (CAT), ao chegarem à cidade, os visitantes recebem esses materiais e são orientados quanto aos pontos disponíveis para visitação. Esse atendimento inclui uma explicação sobre os atrativos presentes nos folhetos, os quais servem de referência para que os próprios turistas definem os locais que desejam conhecer.

No entanto, embora essas capelas estejam mencionadas nesses materiais, muitas acabam não sendo efetivamente visitadas. Isso ocorre, entre outros fatores, devido ao fato de serem edificações privadas, o que limita o acesso público, e também pela ausência de uma mediação turística voltada especificamente a elas.

Somam-se a isso a falta de comunicação entre o setor turístico municipal e a Arquidiocese de Mariana, o que dificulta o repasse de informações atualizadas sobre horários de funcionamento, condições de visitação ou possíveis atividades religiosas nesses espaços. Assim, apesar de presentes nos materiais gráficos, esses edifícios religiosos continuam fora da dinâmica prática dos roteiros realizados na cidade.

2.2. O roteiro turístico oficial: o que é promovido e como?

Durante as entrevistas realizadas com zeladores responsáveis pelas capelas de Santana e da Boa Morte (Seminário Menor), além de uma funcionária da pousada vizinha à Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, ficou evidente que, embora esses edifícios sejam mencionados nesses materiais de divulgação, eles não são efetivamente inseridos em circuitos turísticos organizados ou acompanhadas de estratégias de mediação cultural. Um dos entrevistados, zelador da Capela da Boa Morte, chegou a afirmar que “muitos moradores ainda hoje desconhecem a existência da capela”, devido a sua localização. Essa declaração, além de preocupante, aponta para um cenário em que a ausência de articulação entre a arquidiocese, responsável pelos templos e o setor turístico municipal impede a construção de uma proposta integrada de valorização desses espaços. Como consequência, essas capelas permanecem à margem tanto das dinâmicas turísticas quanto da memória coletiva urbana, o que reforça sua invisibilidade simbólica no contexto patrimonial de Mariana.

No caso da Capela de Santana, o zelador afirmou que, se a Igreja disponibilizasse alguém para manter o local aberto e em bom estado, seria possível receber visitantes. Contudo, ele ressalta que, por não haver fluxo de visitação, a Igreja não destina recursos para esse tipo de manutenção. Isso gera um ciclo difícil de romper: a falta de turistas faz com que o espaço permaneça fechado, e o fechamento do local afasta ainda mais os visitantes. Essas observações levantam questões importantes sobre o funcionamento do turismo em Mariana. É necessário compreender quais monumentos são efetivamente promovidos e divulgados, assim como o tipo de experiência turística oferecida. O contraste entre os espaços valorizados pelas instituições e aqueles mantidos pela comunidade evidencia critérios seletivos que determinam o que recebe visibilidade e o que permanece à margem. Além disso, a ausência de um roteiro “oficial” estruturado reforça a desigualdade na atenção dedicada aos diferentes patrimônios da cidade. Para melhorar a divulgação dessas capelas, é fundamental considerar seu estado de conservação e as particularidades institucionais, como no caso da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, que pertence à Universidade Federal de Ouro Preto. Estabelecer parcerias entre a Igreja, a universidade e órgãos de turismo poderia viabilizar ações conjuntas de preservação e promoção, além de criar estratégias específicas para tornar essas capelas acessíveis e conhecidas do público, respeitando suas condições e propriedades.

Segundo o pesquisador BELLAN, (2022) em sua monografia intitulada: *As cidades coloniais mineiras e o turismo: um estudo de caso de Mariana (MG)*, um estudo sobre o

turismo em Mariana, essa escolha do que é mostrado ou não tem relação com aspectos simbólicos e econômicos. Citando Queirós (2014), ele afirma que o turismo cultural é composto por diversos elementos: patrimônio físico, eventos, modos de vida, entre outros. Mas nem tudo é incluído nos roteiros. Assim, capelas pequenas, que não aparecem com destaque na mídia, que têm pouca infraestrutura ou estão em mal estado de conservação, acabam sendo ignoradas, mesmo que tenham grande valor histórico e religioso para os moradores da cidade.

Para Bellan (2022), o turismo brasileiro seguiu, por muitos anos, um modelo centralizado de gestão. Com a criação da EMBRATUR e do Conselho Nacional de Turismo, em 1966, as decisões sobre o turismo passaram a ser tomadas de forma distante da realidade local. Isso impacta cidades históricas como Mariana, onde particularidades de certos lugares como essas capelas não são consideradas nas políticas de promoção turística.

Outro problema é que o turismo cultural no Brasil ainda tem dificuldade para se organizar de forma sustentável. Muitas vezes, a comunidade local não participa das decisões, e os benefícios econômicos gerados pela atividade ficam concentrados em poucos setores. Em Mariana, isso pode ser visto na pouca valorização de espaços que têm importância simbólica e afetiva para os moradores, mas que não estão integrados aos roteiros tradicionais.

Diante desse cenário, surgem reflexões importantes: Como promover o turismo de forma justa, sem transformar a cultura apenas em mercadoria? ou como garantir que todos os moradores se beneficiem com o turismo, e que suas histórias e memórias sejam valorizadas? Essas perguntas são urgentes quando comparamos o cuidado dado aos monumentos mais famosos, como a Catedral da Sé ou as igrejas da Praça Minas Gerais, com o abandono de capelas menores, como as que estão sendo discutidas neste trabalho.

Por isso, é fundamental compreender como os discursos turísticos moldam o que é lembrado e valorizado na cidade. O que se escolhe mostrar ao turista acaba também definindo quais memórias serão preservadas e quais serão esquecidas. Repensar o turismo não só de Mariana, mas de outras cidades históricas não significa apenas incluir mais pontos no roteiro, mas sim ampliar a forma de olhar para o patrimônio, dando espaço a diferentes histórias e modos de viver.

O patrimônio não é neutro, sempre está ligado a decisões políticas, sociais e simbólicas. Escolher o que preservar e mostrar é também uma forma de dizer quem tem voz

na construção da identidade da cidade. Capelas como a de Santana, da Boa Morte e Rainha dos Anjos, mesmo estando localizadas dentro da cidade e tendo significado hierárquico no modo como o patrimônio é tratado, acaba sendo uma seleção que privilegia certos espaços e exclui outros.

Valorizar essas capelas esquecidas exige um novo olhar sobre o patrimônio, que vá além da imponência dos grandes monumentos. É preciso também reconhecer a importância dos lugares ligados à vivência cotidiana, à fé popular e às memórias afetivas das comunidades.

Capítulo 3- Capelas invisíveis em Mariana: História, estado de conservação e exclusão patrimonial

Este capítulo tem como objetivo apresentar um panorama sobre a trajetória histórica dessas edificações, analisar seu atual estado de conservação e discutir os fatores que contribuem para sua invisibilidade no contexto do patrimônio cultural marianense. Através de levantamentos documentais, observações *in loco* e relatos de moradores e zeladores, busca-se compreender como essas capelas, mesmo inseridas no espaço urbano, foram sendo progressivamente silenciadas nas práticas de reconhecimento e promoção cultural da cidade.

3.1. Capela de Santana: Proximidade geográfica, distância simbólica

A Capela de Santana (figura 18) está localizada nas imediações do centro histórico de Mariana, próxima ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Considerada uma das construções mais antigas da cidade, segundo Vasconcellos, (1938 p.79) “Possivelmente , a quarta na ordem cronológica”, que se levantou no Ribeirão do Carmo, ao tempo de Villa”. Sua origem remonta, segundo a tradição oral, ao início do século XVIII. A capela foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com inscrição no Livro do Tombo de Belas Artes sob nº 08 de setembro de 1939. Vasconcellos ainda diz que, (1938, p. 79) “ As pessoas mais idosas da cidade, todas, a uma voce, afirmam que essa Capella veio de epocas immemoriaes- quer dizer, desde o começo da Villa de Albuquerque.

A Capela de Santana, tombada pelo IPHAN em 1938 (Processo nº 75-T-1938; Livro do Tombo de Belas Artes, inscrição nº 262, de 08/09/1939), figura como uma das mais antigas da cidade, com vestígios documentais de sua existência já em 1720. Inicialmente construída em taipa pelos fiéis da irmandade, a capela sofreu importantes reformas nos séculos XIX e XX, inclusive na ocasião do tombamento, quando foram executadas obras de restauração que alteraram partes de sua estrutura original. (IPATRIMÔNIO, [s.d.]).

Figura 18– Fachada principal da Capela de Santana, Mariana-MG.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Foi nesse templo que se consagrou, inicialmente, a Ordem Terceira de São Francisco de Mariana, posteriormente transferida para outro edifício próprio. A ausência de documentação precisa impede a determinação exata da data de sua construção. No entanto, um testemunho do pároco da capela havia 24 anos, indicando que o templo já existia, em sua estrutura primitiva, desde pelo menos 1720. O mesmo documento menciona a Irmandade de Santana e um hospital anexo à capela, fundado pelo testador, o que permite atribuir a ele também a iniciativa da edificação.

Provavelmente, como era comum nas construções religiosas do século XVIII, a capela não foi erguida segundo um projeto formal. Sua construção teria iniciado pela capela-mor e se expandido gradualmente conforme os recursos da Irmandade ou dos devotos. A estrutura original era composta por adobe ou taipa, com molduras e cunhais de madeira, semelhantes

aos encontrados no corpo do consistório.² Houve um registro por parte do historiador Epaminondas de Macedo que, atrás do altar-mor (figura 19), havia, ao fundo da capela, um espaço reduzido onde se acumulavam andores e imagens sacras, o que inviabilizou a permanência da congregação da Ordem Terceira de São Francisco no local. Atualmente, esse ambiente encontra-se desativado, servindo apenas como depósito de entulhos.

Figura 19 Antigo espaço nos fundos da Capela de Santana.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Em 1799, a capela passou por uma ampla reforma. As obras foram executadas por João Caldas Bacelar, um antigo sócio e, possivelmente, discípulo de José Pereira Arouca. Sua fachada principal foi completamente remodelada (figura 18), adquirindo o aspecto atual, com a introdução sobre a fachada principal, já existia em 1856 e teria substituído as sineiras anteriores, localizadas externamente à edificação, hoje os sinos estão localizados no adro da capela, (figura 20).

² Consistório é uma dependência anexa às igrejas, geralmente utilizada para reuniões do clero, atendimentos, decisões administrativas ou guarda de objetos litúrgicos. Em alguns casos, também serve como sacristia ou espaço de apoio às celebrações religiosas.

Figura 20- Estrutura com os sinos da Capela de Santana.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Entre os acréscimos realizados entre 1900 e 1905, destaca-se a construção de um cômodo posteriormente destinado à sacristia, além de alterações como a inclusão de uma escada, substituição do piso da capela-mor por ladrilhos e renovação da pintura interna. Hoje a capela conta somente com uma sacristia, localizada no lado direito, como mostra a (figura 21).

Figura 21- Acesso à sacristia da Capela de Santana, em Mariana-MG.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Em 1938, a capela foi restaurada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN). As intervenções incluíram a demolição da torre central e do cômodo da sacristia, construído nas reformas do início do século XX, as (figuras 22 e 23) mostram como era a capela com as duas sacristias.

Figuras 22 e 23 – Antiga configuração da Capela de Santana, e vista lateral da Capela de Santana.



Fonte: Acervo pessoal do zelador da capela.



Fonte: Acervo pessoal do zelador da capela.

3.2. Análise Iconográfica e Arquitetônica da Capela de Santana

A análise arquitetônica e iconográfica da Capela de Santana evidencia a simplicidade forma do edifício e a riqueza decorativa de seu interior, características marcantes do Barroco Colonial Mineiro.

A fachada (figura 18) apresenta corpo único em alvenaria branca, telhado de duas águas, frontispício com volutas discretas e cruz de pedra. A portada em cantaria e a madeira desgastada da porta revelam intervenções antigas e uso contínuo da capela. Elementos externos como a porta lateral azul (figura 21), a cruz de pedra (figura 24) que marca o antigo cemitério e a estrutura rústica dos sinos reforçam a relação do templo com práticas devocionais tradicionais e com o entorno urbano.

Figura 24- Cruz de pedra localizada no adro da Capela de Santana.



Fonte: Acervo da autora, jun, 2025.

O interior destaca a capela-mor elevada por degraus de pedra e o altar (figura 25) policromado em tons de vermelho e dourado, com talhas de volutas e concheados. No nicho central, a imagem de Santana (figura 26) Mestra com Mariana Menina, em madeira policromada e estofada, representa o eixo iconográfico principal. A talha de pilastras, bem como restos de pintura decorativa em painéis laterais, revelam técnicas barrocas e sinais de desgaste que evidenciam a antiguidade e a necessidade de conservação.

Figura 25- a direita altar policromado em tons de vermelho e dourado e figura 26- Imagem de Santana Mestre com Maria Menina.



Fonte: Acervo da autora, 2025.



Fonte: Acervo da autora, 2025.

A pilastra demonstra ornamentação densa com uso intensivo de douramento, incluindo motivos como volutas, cachos de uva e cabeças de *putti*.³ O desgaste parcial do ouro revela a madeira subjacente. O *putti* (figura 27), elemento recorrente no Barroco, apresenta policromia nas feições e douramento nas vestes, compondo a decoração de suporte das estruturas principais.

³ Putti (plural de putto- significa “criança” em italiano) ou querubins/anjinhos.

Figura 27- Detalhe de putti em talha no altar da Capela de Santana.

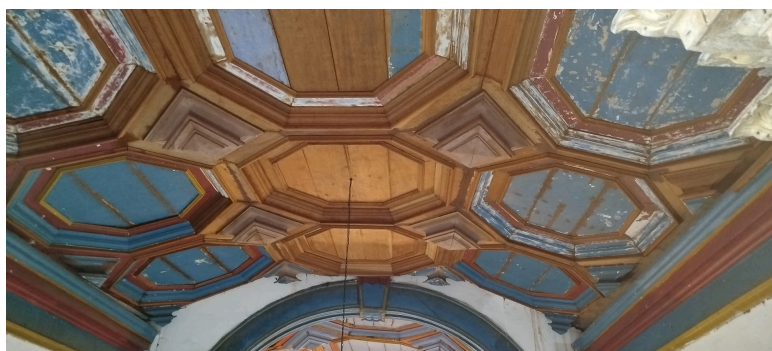


Fonte: Acervo da autora, 2025.

O teto (figura 28) apresenta um forro em caixotões de madeira organizados em módulos geométricos, predominantemente octogonais e retangulares, característicos das soluções decorativas utilizadas no período colonial mineiro, especialmente no século XVIII. A escolha por formas geométricas revela uma iconografia não figurativa, baseada na ornamentação abstrata, o que é comum em templos menores ou de devoção local.

A paleta de cores azul, vermelho, amarelo e branco, ainda que bastante desgastada remete ao repertório cromático tradicional do barroco luso brasileiro. O azul, frequentemente associado ao sagrado e ao divino, reforça a atmosfera espiritual do espaço; já o dourado e o vermelho emolduram os caixotões, destacando as formas e criando um ritmo visual que conduz o olhar ao centro do teto.

Figura 28- Teto do forro em caixotões de madeira da Capela de Santana.



Fonte: Acervo da autora, 2025.

3.3 Capela de Nossa Senhora da Boa Morte (Seminário Menor)

3.1.3 O Seminário da Boa Morte e a aplicação das diretrizes tridentinas no Brasil

Apesar de o Brasil ter recebido plenamente as determinações do **Concílio de Trento**⁴, verifica-se um atraso na efetiva implantação dos seminários diocesanos. De acordo com Selingardi e Tagliavini (2007), esse atraso não está diretamente relacionado ao intervalo entre a promulgação do Concílio e o surgimento dos primeiros colégios destinados à formação sacerdotal, mas sim ao período entre a **criação das dioceses** e a **fundação de seus respectivos seminários**.

Segundo os autores, os motivos para essa demora incluem a **pobreza das dioceses**, que, mesmo podendo contar com a esmolas dos fiéis, encontravam dificuldades para a manutenção dessas instituições, além da **baixa contribuição financeira por parte do Grão-Mestre**, necessária para a construção e sustentação dos seminários (SELINGARDI; TAGLIAVINI, 2007).

O primeiro seminário diocesano do Brasil foi o Seminário de São José, fundado no Rio de Janeiro em 1739, sessenta e três anos após a criação da diocese, em 1676. O segundo foi o Seminário de Belém do Grão-Pará, criado em 1749, trinta anos após a fundação da diocese local. Já o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, em Mariana, fundado em 1750, destaca-se por ter sido instituído apenas cinco anos após a criação da Diocese de Mariana (1745), (figuras 29 e 30) sendo, segundo os autores, aquele que melhor atendeu às determinações tridentinas quanto à formação do clero.

⁴ Assembleia de preladados católicos convocada pelo papa Paulo III e realizada na cidade italiana de Trento, com o objetivo de restabelecer a unidade e a disciplina na Igreja Católica. O Concílio de Trentoem foi uma resposta às críticas feitas pela Reforma Protestante – movimento reformista cristão do século XVI e de crítica a Igreja Católica que rompeu com a unidade do cristianismo na Europa.

Figuras 29 e 30- Fachada da Capela da Boa Morte e antigo Seminário, Mariana-MG.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Sobre a fundação do seminário Salomão de Vasconcellos diz que:

Fundou o Seminário de Mariana, em 20 de dezembro de 1750, o nosso primeiro antíste, D. Frei Manuel da Cruz, consonante a ordem-régia por ele mesmo provocada ainda em viagem para estas Minas e que o autorizou em 12 de outubro de 1748 (MARIANA E SEUS TEMPLOS, [s.d.], p. 62).

Conforme pesquisa de Lage (2016), a fundação do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte se insere em uma rede complexa de articulações políticas e econômicas da Mariana setecentista, sendo o edifício construído por José Pereira Arouca, importante mestre de obras da época. Sua atuação se deu por meio de arrematações públicas e uma rede de sociabilidades que o posicionaram como figura central nas construções religiosas da cidade. Essa relação entre Igreja, poder local e mão de obra especializada reforça a importância estratégica da criação do seminário na consolidação da Diocese de Mariana.

A Capela do Seminário, existente desde a fundação do Colégio por D. Frei Manoel da Cruz, apresenta rica ornamentação interna, refletindo o estilo barroco predominante à época. Segundo Vasconcellos, tratava-se de um “verdadeiro mimo em talha e em decoração interna”, reproduzindo, em menor escala, os elementos mais refinados da arte colonial, semelhantes àqueles presentes na ornamentação da Sé de Mariana (MARIANA E SEUS TEMPLOS, [s.d.], p. 64).

A execução dos altares e da pintura dos tetos teria sido feita pelos mesmos artistas que trabalhavam na Sé, o que explicaria as semelhanças estilísticas entre os dois templos. O altar-mor, embora reformado posteriormente com colunas lisas e capitéis neoclássicos, ainda conserva entalhes antigos nos demais altares, acompanhando a tradição artística da Sé Catedral. Esse fato revela a preocupação da Igreja Católica em Minas Gerais com a formação de um clero preparado para atender à crescente demanda espiritual de uma região marcada pela intensa atividade mineradora e expansão populacional.

Essas figuras representam registros históricos que mostram a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte e as estruturas do antigo seminário em processo de reforma. Observa-se o estado de degradação estrutural do edifício ao lado da capela, com partes da construção expostas e presença de entulhos, evidenciando o estágio da obra antes da instalação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFOP.

As figuras 31 e 32 retratam padres e seminaristas em uma fotografia coletiva que simboliza a importância da formação religiosa na cidade, marcada pela forte tradição católica e pela presença do Seminário de Mariana, um dos mais antigos do Brasil.

Figuras 31 e 32-Registro histórico do clero em frente ao Seminário de Mariana-MG.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

3.1.2. Análise Iconográfica e Arquitetônica da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte (Seminário Menor)

A Capela de Nossa Senhora da Boa Morte integra o complexo do Seminário Menor de Mariana, construído a partir de meados do século XVIII para a formação de clérigos, sendo

parte do conjunto hoje ocupado pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFOP.

A fachada da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte apresenta composição típica do rococó mineiro do final do século XVIII. Seu frontão recortado, movimentado por volutas que se elevam a partir dos cunhais, cria uma forma leve e dinâmica característica do estilo. No centro do frontão encontra-se um óculo curvilíneo que abriga o relógio, elemento distintivo da capela. A porta principal, emoldurada em cantaria, é ladeada por duas janelas superiores com guarda-corpos de balaústres, reforçando a simetria vertical da fachada. O conjunto é coroado por uma grande cruz em pedra, completando o programa estético e devocional do edifício. A portada é emoldurada por pedra, com verga decorada por elementos curvos, refletindo a ornamentação rococó. O edifício está tombado pelo IPHAN, como parte do seminário e acervo arquitetônico de Mariana.

Figura 33-fachada da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte e figura 34- portada emoldurada de pedra.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Internamente, a capela possui três retábulos (figura 35): retábulo mor e duas loterias, com talha de execução simples, porém refinada, que dialoga com os modelos sacros do período barroco/ rococó.

Figura 35: Vista interna da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, Mariana, MG.



Fonte: [lph.ichs.ufop.br](http://ph.ichs.ufop.br)

No forro da capela-mor, (figura 36) há uma pintura ilusionista datada de 1782, atribuída a Antônio Martins da Silveira, essa pintura representa Nossa Senhora da Boa Morte.

Figura 36- Forro da capela-mor Capela da Boa Morte (Seminário Menor)



Fonte: Mariana e seus Templos, p. 62. Vasconcellos Salomão.

1. Altar Colateral Esquerdo- Imagem da Virgem Dolorosa (lado epístola)

A estrutura do altar segue o repertório da segunda metade do século XVIII, com baldaquino sinuoso, talha dourada de volutas e colunas loterias com pinturas policromadas em tons de rosa, verde e dourado.

Essa imagem retrata também um exemplar do retábulo barroco/rococó em talha adornado com policromia e douramento, característica da produção artística do século XVIII em Minas Gerais. Na composição central, destaca-se o nicho principal que abriga a imagem de Nossa Senhora das Dores, (Figura 37) vestida em tonalidades escuras (roxo/ preto).

Figura 37 - Imagem de Nossa Senhora das Dores, altar lateral da Capela.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Os imaginários originais que integravam na capela, foram substituídos, atualmente, o espaço exhibe reproduções planas em plexiglass⁵ com impressão digital das figuras devocionais.

Essa substituição foi proposta por uma docente vinculada ao campus, com o objetivo de assegurar a continuidade simbólica dos elementos devocionais no ambiente, ao mesmo tempo em que se prevenia a exposição das peças originais a riscos de degradação ou furto.

⁵ plexiglass: Detalhe do painel de proteção em plexiglass instalado para preservar áreas fragilizadas da edificação, minimizando o contato direto com os elementos construtivos originais e reduzindo os impactos de agentes externos sobre o patrimônio.

Conforme informações fornecidas pelo zelador responsável, as imagens originais da capela foram transferidas para o museu de Arte Sacra da cidade, onde encontram-se atualmente para exposição sob condições adequadas para sua preservação.

Figuras 38 e 39- Imagem de Santo Inácio de Loyola, e exposição no museu em acrílico.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Santo Inácio de Loyola (figuras 38 e 39), fundador da Companhia de Jesus, cuja espiritualidade e pedagogia exercem significativa influência na formação do Seminário durante os séculos XVIII e XIX, posicionamento no altar lateral esquerdo (lado Evangelho). Imagem esculpida em madeira dourada e policromada, obra de autor não identificado.

O retábulo (figura 37) colateral apresenta talha em madeira com características de transição entre o Barroco e o Rococó mineiro, evidenciada pelas volutas, elementos rocaille e pela combinação entre douramento e policromia em tons vivos (azul, verde-água e vermelho). O nicho central é emoldurado por curvas sinuosas típicas do Rococó. A mesa do altar exibe frontal policromado em cores fortes, incluindo efeitos de marmorização que simulam materiais nobres, recurso comum nos altares do século XVIII em Minas Gerais.

Imagem (figuras 39 e 40) de vulto pleno (em três dimensões) da Virgem Maria sobre nuvens e cabeças de querubins (anjinhos sem corpo). A postura de braços abertos (Orante) e o olhar elevado simbolizam a Assunção de Maria ao céu ou sua condição de Imaculada Conceição, sendo um elemento central da devoção Mariana no período colonial.

Figuras 39 e 40- Imagens de Nossa Senhora da Assunção, exposição no museu e acrílico, Capela da Boa Morte.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A imagem está no altar lateral do lado da Epístola da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, apresentando uma estrutura simétrica ao altar do lado do Evangelho. Este retábulo, também é em talha policromada e dourada.

Essas imagens documentais são fundamentais para a compreensão da configuração interna da capela em períodos anteriores à sua interdição, contribuindo significativamente para a preservação da memória visual e arquitetônica do edifício. A presença dessas fotografias em acervo institucional também reforça a importância histórica da capela.

Atualmente, o edifício que abrigou o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte é sede do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), localizado em Mariana- MG. A Capela da Boa Morte, inserida neste conjunto arquitetônico, tornou-se um importante símbolo de continuidade histórica e religiosa, resistindo às transformações institucionais ocorridas ao longo dos séculos.

Figuras 39 e 40- Imagem de São João Nepomuceno, e exposição no museu e imagem em acrílico.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A obra é atribuída à Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), datada do século XVIII, material madeira policromada e dourada.

Figuras 42 e 43- Imagem de São Bernardo de Claraval em exposição no museu e imagem em acrílico.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Imagem datada do século XVIII, material madeira policromada e dourada, não à atribuição do artista.

Figuras 44 e 45- Imagens de São Bento, e exposição no museu em acrílico, Capela da Boa Morte.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Imagem datada do século XVIII, de possível procedência portuguesa, não à atribuição do artista.

O Bispo Dom Oscar de Oliveira e o Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho tiveram um papel central, cedendo o edifício do antigo seminário à universidade, em regime de empréstimo, com o compromisso de restauração do edifício, incluindo a Capela da Boa Morte.

Além disso, a Igreja realizou a doação de um terreno anexo à União, reforçando seu papel como agente ativo na constituição do campus em Mariana. Essa parceria foi ainda mais consolidada com a nomeação do próprio cônego Vidigal como o primeiro diretor do ICHS, estreitando os laços institucionais entre a Igreja e a universidade.

A capela, portanto, tornou-se um espaço simbólico dentro do campus, representando o entrelaçamento entre o poder religioso e o ensino superior público. No entanto, mesmo com seu valor arquitetônico, histórico e cultural, a Capela da Boa Morte permanece invisível nos

roteiros turísticos da cidade e pouco reconhecida nas políticas públicas de valorização patrimonial de Mariana (DE PAULA; FREITAS; OLIVEIRA, [s.d.]).

A (figura 46) mostra a vista de acesso à capela e ao Seminário Menor, hoje sede do ICHS/UFOP.

Figura 46- Pavimento em pedra sabão e vegetação, entorno urbano.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

3.4. Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos

A construção da capela (figura 47), remonta à fundação da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, ocorrida em 1760. Naquele período, a irmandade estava instalada na Capela de São Gonçalo, onde se situava em uma antiga ocupação da cidade de Mariana, às margens do ribeirão, em área conhecida como Matacavalos.

Figura 47- Fachada principal da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A edificação, de partido retangular e pavimento único, apresenta características do estilo rococó, com torre sineira centralizada, janelas laterais e portada em arco abatido. Está localizada na Rua Dom Silvério, centro histórico da cidade, nas proximidades do Hotel Providência (figura 48), a Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos integra o conjunto de edificações tombadas como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Sua construção data de meados do século XVIII. A edificação apresenta características do estilo rococó, com formas simples e elegantes.

Figura 48- Fachada do Hotel Providência, Mariana-MG.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Situada em terreno de leve declive, acima do nível da rua e no mesmo alinhamento da via, a capela possui partido retangular e pavimento único. O terreno possui afastamentos laterais e nos fundos, onde se encontra o cemitério, delimitado por um muro que provavelmente pode ser de adobe. O acesso principal ocorre pela fachada frontal, existindo ainda dois acessos laterais por meio de portões em grades metálicas. O sistema construtivo é composto autônoma de madeira, com vedações em taipa e adobe, (PROJETO DE RESTAURAÇÃO, 2017, p. 14).

A fachada principal destaca-se pelo seu avanço em direção à rua, dando evidência à porta de entrada e à torre sineira, que se encontra no mesmo plano. Dois planos em diagonal conectam este volume às paredes laterais. A fachada apresenta quatro vãos: uma porta, duas janelas e um óculo. A porta centralizada possui verga em arco abatido e enquadramento em pedra. Acima da portada, encontra-se fixado o símbolo da Arquiconfraria, entalhado em madeira policromada, como mostra a (figura 49).

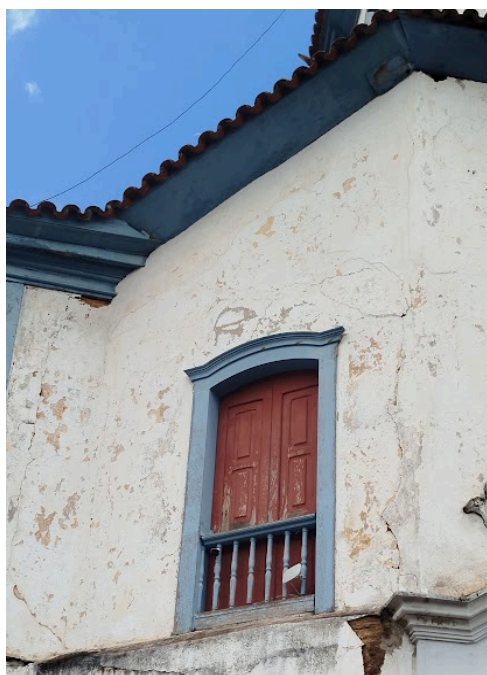
Figura 49- Símbolo da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, entalhado em madeira.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

As janelas (figura 50) , localizadas nas paredes em diagonal acima da porta, possuem o mesmo tipo de verga e enquadramento em madeira. São compostas por esquadrias de duas folhas de abrir em madeira almofadada, protegidas por guarda-corpos em balaustrada de madeira. Acima das janelas, localiza-se o óculo, (figura 51) centralizado na fachada, com forma irregular, enquadramento em madeira e esquadria fixa de caixilhos em madeira, com vedação em vidro.

Figuras 50 e 51 – Janela com verga em arco abatido e esquadria de madeira almofadada e óculo.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A torre sineira (figuras 53 e 54), por sua vez, apresenta uma abertura com verga em arco pleno e enquadramento em madeira, onde está instalado o sino. A torre de cobertura da torre é feita por telhado em quatro águas, com beiral e cimalha em madeira.

Figuras 52 e 53-Torre sineira da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Capítulo 4- Capelas em risco: diagnóstico do estado de conservação

Este capítulo apresenta uma análise do estado de conservação das três capelas localizadas na área urbana de Mariana-MG: a Capela de Santana, a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte e a Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Apesar de seu valor histórico, simbólico e afetivo, essas edificações religiosas permanecem fora das políticas de preservação mais estruturadas, o que tem contribuído para seu visível processo de deterioração.

Com base em visitas realizadas entre junho e julho de 2025, além de conversas com zeladores, moradores e funcionários locais, foi possível observar as principais condições físicas dessas capelas, identificando danos estruturais, infiltrações, rachaduras e outros sinais de abandono. A análise também considera documentos técnicos e registros disponíveis que reforçam a urgência de ações de conservação. Mais do que descrever os problemas físicos, este capítulo aponta indícios da negligência institucional e a falta de valorização desses lugares.

4.1. Estado de conservação da capela de Santana

Em visita realizada no dia 5 de junho à capela de Santana, acompanhada por um morador local responsável pela guarda das chaves, foi possível constatar sinais evidentes de “abandono”. Segundo relato do acompanhante, a capela encontra-se fechada há cerca de dois anos.

Já na entrada, é perceptível o descuido por parte dos órgãos responsáveis pela preservação do templo religioso. A (figura 54) mostra detalhe do estado avançado de degradação de uma das janelas da capela.

Figura 54– Janela da Capela de Santana.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Ao entrar na capela, foi observado que o arco-cruzeiro, elemento estrutural que separa a nave do presbitério⁶, e o forro da nave em caixotões de madeira (figuras 55 e 56) estão com desgaste nas pinturas ornamentais e é visível a degradação da madeira.

⁶ O presbitério é conhecido hoje como o lugar, em nossas Igrejas, onde se localiza o altar, onde é proclamado a palavra de Deus e onde o sacerdote, diácono e demais ministros exercem o seu ministério. Ali também estão a cruz e as velas, conforme orientações do Missal Romano. Mas não foi sempre assim, percorremos uma longa história.

Figuras 55 e 56- Forro em caixotões da nave da Capela de Santana.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

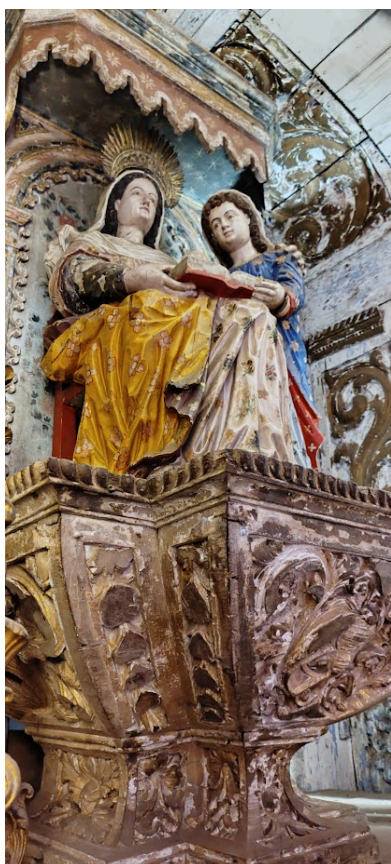


Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Destaque para as pinturas ornamentais em azul, vermelho e dourado, além da visível degradação da madeira e falhas na pintura, e a vista geral do interior da Capela de Santana, evidenciando o retábulo-mor com a imagem coberta de Nossa Senhora de Santana, o arco-cruzeiro com colunas pintadas e o piso de madeira desgastado.

As figuras 57 e 58 mostram a imagem de Nossa Senhora de Santana, escultura localizada no nicho central do retábulo-mor da capela. A peça apresenta sinais de desgaste na policromia e na base entalhada em madeira dourada, evidenciando a necessidade de conservação.

Figuras 57 e 58 -Santana com a Virgem Maria e imagem coberta por paramento litúrgico.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

As patologias construtivas são bastante visíveis na região do arco-cruzeiro, onde se destaca uma abertura na alvenaria da parede lateral direita (Lado Epístola) superior que expõe o material construtivo original da edificação que é feito de adobe (figura 59). Na zona do coro, localizada sobre o vestíbulo e tradicionalmente utilizada para o canto litúrgico, verifica-se o avançado estado de degradação física da estrutura, evidenciado por fissuras, desgaste do forro e comprometimento das madeiras estruturais. Na imagem nota-se patologias como perda de revestimento, degradação do material construtivo, fissuras no arco inferior e falhas de vedação na cobertura.

Figura 59- Parede lateral interna da Capela com colapso de adobe.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Registros orais também indicam que a capela foi alvo de ações de vandalismo e furtos pontuais, resultando na subtração de partes decorativas das colunas torsas (colunas salomônicas) que ornamentavam o retábulo-mor e altares laterais. Ao lado da porta principal, observa-se acúmulo de entulhos, possivelmente provenientes do colapso parcial de elementos da cornija ou do beiral da cobertura no lado direito da fachada, contribuindo para a sensação de abandono e falta de manutenção preventiva.

Figuras 60 e 61- Interior da Capela de Santana com patologias (umidade e descascamento).



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figura 62- Pilar com pintura em azul, vermelho e amarelo.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Com perdas de camada pictórica, abrasões e sujidades. Parte do conjunto foi danificado por vandalismo: cabeças de fênix ornamentais foram arrancadas sob a falsa crença de conterem ouro maciço, comprometendo a integridade do bem.

Observa-se desgaste na pintura, indicando a necessidade de intervenção. Observa-se ainda sinais de umidade na base do pilar e na parede, evidenciando problemas de infiltração que comprometem a conservação do patrimônio.

Figuras 63 e 64 –Escada para o coro da Capela de Santana deteriorada.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

4.1.1. Análise do estado de conservação da portada da capela de Santana

A portada (figura 65), apresenta sinais visíveis de degradação, a estrutura em madeira encontra-se com pintura bastante desgastada e descascada, revelando o material exposto em vários pontos. Observa-se ainda danos na parte inferior da porta, com perda de elementos e fissuras. O conjunto em pedra também evidencia sujidades, desgaste superficial e pequenas trincas, características comuns de processos de deterioração por ação do tempo e falta de manutenção.

Figura 65- Portada da Capela de Santana.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

“Outras figuras registram as atuais condições de conservação da capela, evidenciando as patologias construtivas presentes e os danos causados pelo tempo e pela ação da umidade”. Estas evidenciam o avançado processo de degradação das alvenarias da capela, com destaque para a umidade ascendente, destacamento e perda de reboco, presença de eflorescências salinas, fissuras e trincas nas paredes externas e internas.

Figuras 66 e 67-Proliferação de microrganismos na base das paredes.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Figuras- 68 e 69- Danos nas paredes da Capela de Santana.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

4.2 Estado de Conservação da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte

A fundação e o desenvolvimento do Seminário de Mariana, entre 1750 e 1754, foram acompanhados pela incorporação de um rico acervo artístico que, em grande parte, historicamente se manteve preservado na capela da instituição. Conforme descrito por Salomão de Vasconcellos em seu livro intitulado “*MARIANA E SEUS TEMPLOS*”, “As imagens presentes no altares permanecem inalteradas, datando do período de D. Manoel da Cruz e Frei Domingos. Dentre estas, destacam-se as de Santo Inácio, São Bento, São Bernardo, os Crucifixos, a Virgem da Boa Morte e Nossa Senhora das Dores. Esta última, em particular, é uma venerável imagem que tem percorrido as ruas da cidade por aproximadamente dois séculos, participando de procissões solenes, como a Procissão de Passos, em momentos de luto e memória”. (MARIANA E SEUS TEMPLOS, [s.d.], p. 65).

“Os painéis do teto, felizmente preservados, representam o mistério da Assunção de Nossa Senhora, onde ela é retratada cercada por anjos e em ascensão ao seu trono de Rainha dos Céus. Este conjunto pictórico é outra obra notável do artista que também criou o painel da Sé Cathedral”. (MARIANA E SEUS TEMPLOS, [s.d.], p. 65). Este conjunto de obras não apenas testemunha a produção artística do século XVIII, mas também a profunda religiosidade que moldou a identidade da região.

No entanto, a preservação desse importante patrimônio tem sido comprometida por graves problemas estruturais na edificação. A capela encontra-se fechada ao público há aproximadamente 10 anos por motivos de segurança, decisão tomada pelo próprio zelador responsável em conjunto com outros responsáveis pelo campus, conforme informações coletadas durante visitas realizadas entre os dias 05 e 13 de junho.

Em 2024, foi solicitado um **Laudo Técnico Estrutural Parcial** para a Capela de **Nossa Senhora da Boa Morte**, propriedade da **Arquidiocese de Mariana**. O objetivo do documento foi analisar as **condições de estabilidade da edificação** e os **riscos associados**, com ênfase em duas áreas críticas: o **telhado da nave** e a **parede lateral esquerda da nave (lado da Epístola)** (BROGLIO; NOLASCO, 2024).

A vistoria técnica foi realizada em 24 de junho de 2024, conduzida pelo arquiteto Gustavo Fardin Broglio e pelo engenheiro Ney Ribeiro Nolasco. Anteriormente, em 20 de junho, o zelador da capela havia relatado o desprendimento de parte do reboco da parede lateral esquerda da nave, especialmente na porção superior da face externa. O ocorrido foi registrado em imagens que integram o próprio **Laudo Técnico Estrutural Parcial da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte – Mariana/MG** (BROGLIO; NOLASCO, 2024).

Segundo este laudo, uma vistoria preliminar, realizada em 12 de junho de 2024, confirmou os danos apontados pelo zelador. Durante essa inspeção, os técnicos também identificaram outras patologias construtivas, procedendo à análise de suas causas e origens. (BROGLIO; NOLASCO, 2024).

No que se refere ao telhado, (figura 70), retirada do *Laudo Técnico Estrutural Parcial* foi identificado um problema na região do galbo do contrafeito, situada sobre a parede lateral esquerda da nave (lado da Epístola). Nesta área, as águas pluviais estavam retornando para o interior da capela, atingindo diretamente a parede de adobe.

Figura 70-Telhado da Capela da Boa Morte com excesso de argamassa.



Fonte: Laudo Técnico Estrutural Parcial Da Capela De Nossa Senhora Da Boa Morte – Mariana/Mg, 2025.

A figura evidencia a inclinação inadequada e excesso de argamassa de embocamento entre as telhas. Essa condição compromete o escoamento adequado da água pluvial, favorecendo infiltrações e o acúmulo de umidade na cobertura.

De acordo com os responsáveis pelo laudo, as causas desta anomalia são duas: (1) a obstrução das telhas canal, provocada pelo acúmulo de argamassa de embocamento e sujidades, e (2) baixa declividade das telhas no galbo, sendo que a inclinação medida estava abaixo dos **30% mínimos recomendados para esse tipo de cobertura** (BROGLIO; NOLASCO, 2024).

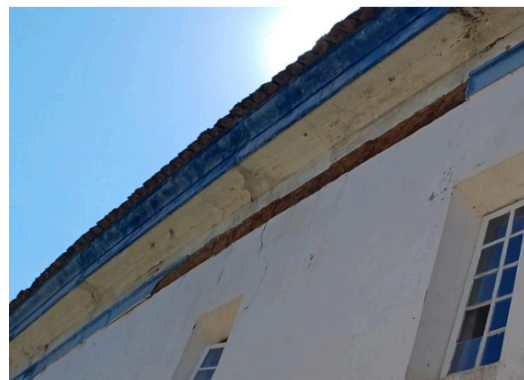
Nas visitas posteriores, realizadas nos dias 05 e 13 de junho deste ano, foi constatado que a capela continuava apresentando infiltrações ativas, (figura 70) e (figura 71) ocasionando estufamento, movimentação e descolamento do reboco, além de fissuras e fraturas estruturais (BROGLIO; NOLASCO 2024).

As (figuras 71 e 72) mostram o avançado estado de deterioração, com destaque para o intenso desprendimento do reboco nas paredes, principalmente na base, onde são visíveis manchas de umidade e sujidade.

Figura 71- Fachada lateral da Capela da Boa Morte, deteriorada e figura 72 parede lateral esquerda da nave da Capela da Boa Morte.



Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Laudo Técnico Estrutural da Capela da Boa Morte (2025).

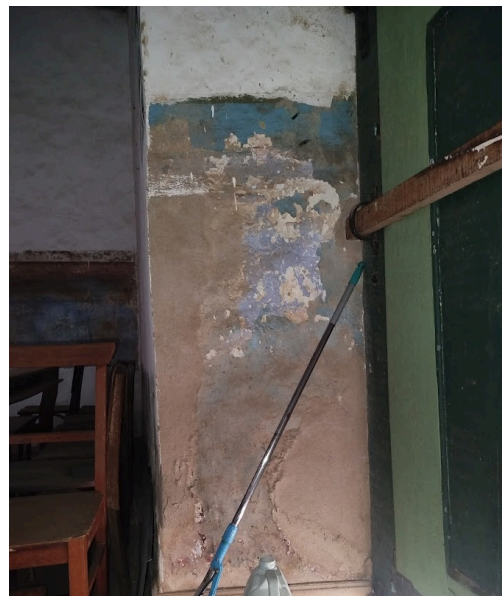
Esse trevo evidencia o desprendimento do reboco e a exposição do suporte construtivo em taipa. A imagem, retirada do Laudo Técnico de Inspeção, também revela fissuras verticais e marcas de umidade, indicando o avançado estado de deterioração e a necessidade de intervenções de conservação.

Outras patologias foram encontradas dentro da capela, como mostram as (figuras 73 e 74).

Figuras 73 e 74 – Parede lateral interna com desprendimento de reboco e parede interna ao lado da porta, descascamento da pintura.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A (figura 73) mostra a causa da infiltração e umidade, evidenciando a deterioração dos materiais construtivos e a necessidade de intervenção para conservação. E a (figura 74) mostra o descascamento da pintura e os sinais de infiltração, evidenciando a ação da umidade sobre as camadas de acabamento.

Questionado sobre a visitação turística, o zelador responsável pela capela afirmou que a mesma não recebia visitas e que inclusive, ele acredita que muitos moradores da cidade desconhecem sua existência. Afirmou ainda que antes de seu fechamento devido a problemas estruturais, o espaço era utilizado para celebrações religiosas, casamentos e reuniões organizadas por membros da comunidade eclesial.

Sobre o estado de conservação da capela da Boa Morte, como mencionado nos parágrafos acima, foi constatada uma condição estrutural crítica do edifício. Logo na entrada foi observado que o arco-cruzeiro encontra-se escorado (figura 75), medida adotada em função da movimentação das alvenarias, que vem apresentando sinais de afastamento e fissuramento desde de 2022, segundo mostra o Relatório fotográfico de identificação dos riscos feito pelo IPHAN no ano de 2022. (figura 76 retirada do laudo técnico.

Figuras 74 e 75-Escoramento do Arco-Cruzeiro.



Fonte: Acervo da autora (2025).



Fonte: Laudo Técnico do IPHAN (2022, disponibilizado em 09/06/2025).

Na parede lateral direita lado Epístola da nave da Capela da Boa Morte (figura 77), adjacente ao retábulo, observa-se a exposição do adobe original, decorrente do desprendimento do revestimento (reboco), o que evidencia um avançado estado de degradação dos materiais construtivos. No retábulo (figura 78), é constatada a perda significativa da camada pictórica, comprometendo a integridade estética e histórica do bem cultural. A pintura do forro da capela, sobretudo na região do altar, também apresenta perda de camadas pictóricas, indicando o avanço do processo de deterioração.

Figuras 76 e 77 –Adobe original exposto devido a desprendimento do reboco.



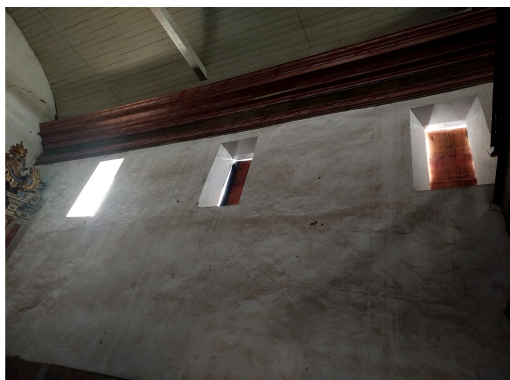
Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

As janelas se encontram com os vidros estourados (figura 79), contribuindo para a entrada de intempéries e agravando o estado de conservação dos elementos internos. Em relação ao coro da capela, não foi possível acessar, uma vez que a escada de madeira (figura 80) encontra-se em estado de precariedade, representando risco à integridade física dos visitantes.

Figuras 79 e 80 – Janelas com vidros quebrados, favorecendo deterioração.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

4.2.1. Estado de conservação da portada da capela de Nossa Senhora da Boa Morte

A portada principal (figura 81) da capela apresenta-se em estado de conservação regular a ruim, com evidentes sinais de desgaste. Observa-se sujidades, manchas de umidade, escurecimento por fuligem e perda de material nas juntas da cantaria, além de vegetação invasora junto aos degraus. A porta de madeira está deteriorada, com pintura desgastada, fissuras e deformações. As molduras em azul também apresentam desgaste e falhas de acabamento, e há corrimento e manchas na alvenaria. É recomendado limpeza controlada, recomposição das juntas, tratamento ou substituição das partes comprometidas da porta, repintura adequada e remoção da vegetação junto à base da fachada.

Figura 81- Portada principal da Capela da Boa Morte.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Destaque visível na cantaria, perda de material nas juntas, vegetação invasora na base e deterioração da porta de madeira e das molduras pintadas.

4.3. Estado de conservação da capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos

Durante uma visita ao entorno da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, foi possível conversar com algumas funcionárias da pousada, localizada ao lado do edifício. Segundo elas, devido à fragilidade estrutural da capela, o acesso ao interior do prédio não seria possível porque se encontra interditado, impossibilitando uma verificação mais precisa das condições internas do espaço. A (figura 82) mostra que devido ao risco de desabamento da capela foram colocados tapumes. A medida, segundo relatos, teria sido tomada por conta da fragilidade estrutural da edificação, de modo a evitar riscos aos transeuntes. Embora não haja sinalização de obras em andamento, a colocação dos tapumes reforça o estado de abandono da capela e evidencia a ausência de políticas efetivas de conservação e valorização desse patrimônio. Ainda foi relatado que possivelmente, a escada que dava acesso à torre já não exista mais, resultado da ausência de manutenção por parte dos responsáveis por sua preservação.

Figura 82- Tapumes na fachada da Capela Rainha dos Anjos.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Externamente, foi observado um deslocamento de reboco próximo ao emblema franciscano, como mostra a (figura 83) . Esse tipo de dano é recorrente em edificações históricas e geralmente está associado a fatores como umidade, variações térmicas e falhas na aplicação ou envelhecimento do revestimento, vindo a comprometer tanto a estética quanto a integridade da construção.

Figura 83- Desprendimento do reboco em volta do emblema de São Francisco.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Complementando essas observações, documentos disponibilizados pelo (IPHAN) registram que, devido a um abaulamento ocorrido na parede lateral da capela, foi necessária a solicitação de autorização para a realização de um escoramento emergencial, utilizando eucalipto tratado como material de sustentação provisória (figura 84). Essa medida visava evitar riscos maiores à estabilidade da edificação (Referência: processo nº 01450.004577/2014-69, IPHAN).

Figura 84 -Escoramento das paredes da Capela Rainha dos Anjos.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A presença dos escoramentos evidencia as fragilidades estruturais da edificação e a necessidade urgente de intervenções de conservação para garantir sua estabilidade e preservação patrimonial. A também um deslocamento do reboco perto do emblema franciscano como mostra a imagem (figura 82), esse deslocamento, muitas vezes, é causado por fatores como umidade, variações térmicas e falhas na aplicação do reboco.

As janelas de madeira (figuras 85 e 86) estão sofrendo desgaste devido à perda da camada de tinta protetora, ficando expostas às intempéries. Isso resulta em fotodegradação (ação dos raios UV), rachaduras causadas por variações de umidade e temperatura, além de descamação da tinta. Essas patologias comprometem a proteção da madeira e aceleram sua deterioração. O tratamento envolve reparo das partes danificadas, preparação da superfície e reaplicação de tinta resistente ao clima.

Figuras 85 e 86- Janelas de madeira da Capela Rainha dos Anjos.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A figura evidencia o desgaste do material e a perda significativa da camada de pintura, indicativos do avançado processo de deterioração e da necessidade de ações de conservação.

A ausência de vidros no óculo da capela (figura 87) pode ser resultado de desgaste natural, acidentes (como impactos físicos), ou da fragilidade causada pela ação do tempo e das intempéries. Além disso, a falta de manutenção preventiva e possíveis danos estruturais comprometem o suporte do vidro, favorecendo sua queda ou quebra.

Figura 87- Óculo central da fachada da Capela Rainha dos Anjos.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A figura mostra a ausência de dois vidros na parte inferior, comprometendo a integridade do elemento e evidenciando a necessidade de intervenções de conservação.

O telhado como mostra a (figura 88) apresenta configuração em duas águas, com estrutura de madeira e cobertura de telhas cerâmicas. Observa-se inclinação moderada, compatível com o estilo arquitetônico da edificação. Observa-se uma lona de proteção na lateral da nave, parte significativa da cobertura que encontra-se protegida por lona plástica azul, sinalizando problemas estruturais como infiltrações que demandaram medida emergencial. Tal situação evidencia o estado precário da cobertura, comprometendo a vedação adequada do imóvel e a preservação dos elementos construtivos e artísticos internos.

Figura 88- Telhado lateral da Capela Rainha dos Anjos coberto por lona azul.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

A imagem evidencia o estado de precariedade da cobertura e o desgaste nas fachadas, ressaltando a necessidade de intervenção para conservação da edificação.

4.3.1. Estado de Conservação da Portada da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos

A portada (figura 89) em verga abatida estruturalmente apresenta-se íntegra, porém com evidentes sinais de desgaste. É visível a perda de revestimento e reboco nas áreas próximas ao entalhe decorativo superior, revelando a camada original em alguns pontos, especialmente à esquerda da composição. O entalhe em argamassa com o símbolo da arquiconfraria também apresenta degradação, com perda de material, sujidades e escurecimento pontual, vindo à comprometer a definição dos detalhes ornamentais. A porta de madeira exhibe sinais de envelhecimento natural, com desbotamento da pintura e pequenas

falhas no acabamento inferior. Os degraus de acesso mostram acúmulo de sujeira e indicativos de desgaste superficial.

Figura 89-Portada principal da Capela Rainha dos Anjos.



Fonte: Acervo da autora, jun. 2025.

Observa-se o emblema franciscano entalhado em madeira policromada. Apesar do desgaste visível, com perdas de reboco e pintura, o símbolo reforça o vínculo da edificação com a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco.

4.3. Capelas em risco: diagnóstico do estado de conservação

As análises realizadas nas três capelas evidenciam um cenário preocupante de deterioração e fragilidade estrutural. Essas condições comprometem não apenas a integridade física das edificações, mas também a preservação do patrimônio histórico e cultural de Mariana.

A ausência de manutenção contínua, a presença de patologias construtivas, como infiltrações, umidade ascendente, degradação de materiais e a carência de intervenções restaurativas adequadas configuram um quadro de risco significativo para a integridade desses bens. Além disso, a exclusão desses edifícios dos roteiros turísticos e das políticas de valorização contribui para sua invisibilidade e negligência institucional.

No caso específico da capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, as restrições de acesso e a interdição do edifício impediram uma avaliação mais aprofundada de seus elementos internos, incluindo os objetos artísticos e sacros que se encontram guardados no escritório paroquial. Tal limitação reforça a necessidade de articulação entre os órgãos de proteção e as instâncias locais, de modo a viabilizar futuras pesquisas, intervenções e acesso responsável ao patrimônio.

Sendo assim, com base no *Glossário Ilustrativo sobre Padrões de Deterioração de Pedra* (ICOMOS-ISCS, 2008), foi possível elaborar um diagnóstico mais preciso do estado das portadas das três capelas. O documento enfatiza que “o reconhecimento visual das formas de alteração da pedra é uma etapa essencial no diagnóstico do estado de conservação dos elementos pétreos de edifícios históricos, sendo indispensável para o planejamento de ações corretivas e preventivas. As principais patologias identificadas incluem: colonização biológica (musgos, líquens e outras plantas), manchas de umidade e corrimento, perda de material por desagregação superficial, fissuras ou microfissuras, alterações cromáticas (escurecimento, eflorescências e desgaste ou ausência de argamassa nas juntas).

A partir dessas observações, algumas intervenções podem ser propostas, respeitando os princípios da conservação preventiva e as características históricas dos edifícios: limpeza controlada: remoção de sujeiras, manchas e organismos com métodos manuais ou mecânicos suaves, como escovas de cerdas macias e água desmineralizada. Métodos agressivos devem ser evitados para não danificar a cantaria histórica. Remoção de vegetação invasora: retirada manual de plantas e raízes com aplicação localizada de biocidas compatíveis, somente quando necessário, preservando os materiais originais. Reintegração de juntas: substituição ou recomposição das juntas deterioradas com argamassa de cal, evitando o uso de cimento Portland, que é incompatível com a cantaria antiga e pode causar danos estruturais. Consolidação da pedra: aplicação de consolidantes à base silicatada, em áreas com desgaste evidente, mediante avaliação técnica e testes prévios para garantir a compatibilidade e a permeabilidade dos materiais. Reintegração cromática (quando aplicável): remoção de pinturas deterioradas e repintura com tintas compatíveis com as cores históricas, respeitando o aspecto original das portadas. Tratamento de fissuras: monitoramento de fissuras estruturais e preenchimento de fissuras superficiais com argamassa adequada, buscando a estabilidade e conservação das superfícies.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal discutir a invisibilidade de capelas históricas urbanas de Mariana-MG diante da ausência de um roteiro turístico estruturado e dos desafios relacionados à sua preservação e valorização. A partir da análise de três capelas Santana, Nossa Senhora da Boa Morte e Nossa Senhora Rainha dos Anjos foi possível observar como espaços, mesmo carregados de valor histórico, simbólico e religioso, permanecem praticamente à margem da dinâmica turística da cidade.

A pesquisa revelou que a invisibilidade dessas capelas não se deve à falta de relevância, mas a fatores como o abandono físico, o uso indevido ou desviado ao longo da história, e sobretudo, a inexistência de políticas que articulem turismo e preservação de maneira integrada. A Capela de Santana, por exemplo, passou por processos de descaracterização, sendo utilizada como fábrica em parte do século XX, e hoje encontra-se sem função definida, excluída de qualquer proposta de visitação. A Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, por sua vez, enfrenta sérios problemas estruturais, encontra-se fechada e sem acesso ao público, inclusive à comunidade religiosa, devido ao risco de desabamento e à ausência de condições mínimas de segurança. Já a Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, embora mantenha sua “integridade” arquitetônica, encontra-se inativa religiosamente e é pouco conhecida pelos visitantes, além de não dispor de qualquer estrutura para acolhimento ou visitação.

A análise do estado de conservação das três capelas demonstrou que, apesar de apresentarem relevância histórica e arquitetônica, elas encontram-se em diferentes níveis de vulnerabilidade. Enquanto algumas patologias construtivas revelam a ação do tempo e a ausência de manutenção contínua, outras refletem diretamente a pressão urbana, a falta de políticas públicas específicas e a desarticulação entre conservação e práticas de turismo cultural. Tal diagnóstico evidencia não apenas os riscos à integridade física dos edifícios, mas também a fragilidade de sua valorização social, já que a invisibilidade nos roteiros turísticos reforça a negligência quanto ao cuidado e preservação desses bens.

As entrevistas realizadas com zeladores, moradores e funcionárias de pousadas demonstraram que, apesar de algumas dessas capelas aparecerem em materiais de divulgação, não há uma comunicação efetiva entre o setor turístico e a Arquidiocese, o que impede o estabelecimento de um circuito de visitação claro, coordenado e acessível. Com isso, o estudo evidencia que a invisibilidade dessas capelas é tanto material quanto simbólica, resultado de

uma construção histórica e institucional que define o que deve ou não ser lembrado, valorizado e visitado. Essa constatação chama atenção para a necessidade urgente de políticas de preservação e planejamento turístico mais inclusivos e democráticos, que reconheçam a pluralidade do patrimônio marianense.

Embora este trabalho tenha se limitado a três capelas urbanas, ele aponta para um problema recorrente em diversas “cidades históricas”. Pesquisas futuras poderão ampliar esse debate, incluindo outros espaços invisibilizados, e aprofundar o papel da Igreja, do poder público e da comunidade na preservação do patrimônio religioso urbano.

Espera-se que este trabalho contribua não apenas para os estudos sobre patrimônio, memória e turismo, mas também para reflexões práticas no âmbito das políticas culturais e das ações locais de valorização de bens esquecidos, abrindo caminhos para que capelas como as aqui analisadas sejam reconhecidas e ressignificadas no imaginário e na vivência da cidade de Mariana.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Larissa. *Charrete elétrica irá custar R\$ 20 mil por mês para a Prefeitura.* Agência Primaz, Mariana, 17 jul. 2025. Fotografia. Disponível em: <https://www.agenciaprimaz.com.br/2025/07/17/charrete-eletrica-ira-custar-20-mil-por-mes-para-a-prefeitura/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

ARQUIVO NACIONAL. *Concílio de Trento (1545–1563).* 22 nov. 2021. Disponível em: https://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6052. Acesso em: 30 jun. 2025.

ASSOCIAÇÃO VILAREJOS ECLESIAIS E SANTUÁRIOS. *Composição do presbitério.* Disponível em: <https://www.aves.org.br/composicao-do-presbiterio/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

BELLAN, Pedro Fernandes de Sales Lima. *As cidades coloniais mineiras e o turismo: um estudo de caso de Mariana (MG).* 2022. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). *Livro do Tombo de Belas Artes*, v. I, inscrição nº 062, folha nº 12, processo nº 069-T-38, 1938.

BROGLIO, Gustavo Fardin; NOLASCO, Ney Ribeiro. *Laudo Técnico Estrutural Parcial da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte – Mariana/MG.* Mariana: Escritório Técnico do IPHAN, 2024.

CALVANO, Isabella. *O que fazer em Mariana: Roteiro de 2 dias para explorar a cidade histórica.* BlaBlaCar Blog, 2 out. 2024. Atualizado em 26 maio 2025. Disponível em: <https://blog.blablacar.com.br/destinos/o-que-fazer-em-mariana>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CANÇÃO NOVA. *Santo Inácio de Loyola: fundador da Companhia de Jesus.* Disponível em: <https://santo.cancaonova.com/santo/santo-inacio-de-loyola-fundador-da-companhia-de-jesus/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CARMO, Bárbara Helena Almeida. *PCH, PROGRAMA MONUMENTA e PAC-CH: o patrimônio cultural na perspectiva de política pública.* 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – USP, São Carlos, 2020.

CAVALCANTI, Cristina. *Turismo cultural e patrimônio: olhares cruzados.* São Paulo: Contexto, 2011.

CONSISTORY. *Encyclopaedia Britannica*, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/consistory>. Acesso em: 21 jun. 2025.

DÂNGELO, André. *Talha barroca em Minas Gerais.* Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

DE PAULA, Leandro Silva; FREITAS, Amanda Casemiro de; OLIVEIRA, Wagner Martins. *História do ICHS.* Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP. Disponível em: <https://ichs.ufop.br/historia-ichs>. Acesso em: 7 jun. 2025.

DE PAULA, Leandro Silva; FREITAS, Amanda Casemiro de; OLIVEIRA, Wagner Martins. *História do ICHS: criação e percurso do Instituto de Ciências Humanas e Sociais*

da UFOP. UFOP. Disponível em: <https://www.ichs.ufop.br/historia-do-ichs/>. Acesso em: 27 maio 2025.

DE PAULA, Roberta Martins; FREITAS, Thais Rodrigues de; OLIVEIRA, Marcos Antônio. *A Capela da Boa Morte: patrimônio invisível de Mariana*. [S.l.: s.n.], [s.d.].

ENCICLOPÉDIA DE HISTÓRIA RELIGIOSA EM PORTUGAL. *Alfaias Litúrgicas*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <https://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FÁVERO, Ivane Maria Remus. *A necessária multidisciplinaridade no planejamento público do turismo*. In: TURISMO, Visão e Ação. São Paulo: Editora XYZ, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres da. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 2005.

GOMES, Ângela Maria Rodrigues. *A talha e a imaginária religiosa em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

ICOMOS-ISCS. *Illustrated glossary on stone deterioration patterns*. Paris: ICOMOS, 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos: volume I – projeto de conservação e restauração*. Mariana/MG, 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Mariana: patrimônio histórico e cultural*. Brasília: IPHAN, 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Ofício de autorização para escoramento emergencial da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos*. Mariana: IPHAN, 10 mar. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Projeto de Restauração de Elementos Artísticos e Integrados da Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos*. 1954.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Relatório técnico sobre a Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos – Mariana/MG*. 11 mar. 2025.

IPATRIMÔNIO. *Capela de Sant'Ana – Mariana (MG)*. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/capela-de-santana-mariana-mg/>. Acesso em: 27 maio 2025.

IPHAN. *Ofício nº 101/2025/ETM-MG/IPHAN-MG-IPHAN*. 9 jun. 2025.

LAGE, Mônica Maria Lopes. *José Pereira Arouca, um construtor na Mariana setecentista*. 2018. Tese (Doutorado em História) – UFMG, 2018.

MAPASBLOG. *Mapas de Mariana – MG*. Disponível em: <https://mapasblog.blogspot.com/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

MARIANA (MG). *Lei Ordinária nº 3.495, de 21 de dezembro de 2021*. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/>. Acesso em: 21 maio 2025.

MELHORES DESTINOS. *Mariana.* Disponível em: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/mariana>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MORONI FILHO, Elio. *Notas para o estudo de capelas do Ciclo do Ouro em Minas Gerais.* [S.l.: s.n.], [s.d.].

NAVES, Rodrigo. *A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares.* Projeto História, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Myriam Ribeiro de. *O Rococó religioso no Brasil.* Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

PESSOA, Ana Lúcia de Abreu. *Retábulos barrocos brasileiros: estudo e documentação.* Rio de Janeiro: IPHAN, 2010.

QUEIROZ, Mércia. *Turismo e desenvolvimento local.* [S.l.: s.n.], [s.d.].

RENNE, Monique. *Mina da Passagem.* Disponível em: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/mina-da-passagem>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SANT'ANNA, Márcia. *Cidades históricas e patrimônio cultural: entre a retórica e a preservação.* Salvador: EDUFBA, 2005.

SELINGARDI, Sérgio Cristóvão; TAGLIAVINI, João Virgílio. *O Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte: Mariana, Minas Gerais, 1750–1850.* Revista Brasileira de História da Educação, n. 13, p. 161–180, jan./abr. 2007.

SILVA, Maria Eliza Rocha. *Os jesuítas como precursores da educação brasileira.* [S.l.: s.n.], [s.d.].

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *História do ICHS.* Disponível em: <https://www.ichs.ufop.br/historia>. Acesso em: jun. 2025.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Mariana e seus templos: (era colonial) 1703–1797.* Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner, 1938.